

ORTE,
do 257/
-Portugal
4 43 01

CORREIO DO MINHO Braga	21 JAN 1978
LIBERDADE Lisboa	
HOTELARIA Lisboa	
REVISTA ALENTEJANA	

Coisas de Antanho

387 As etapas do desenvolvimento progressivo da Bracara Augusta

II

Como dissemos no anterior escrito com a entrada em Braga em 1505, do insigne Prelado D. Diogo de Sousa, que governou a catedral primacial bracarense durante 27 anos, iniciou-se uma nova etapa, que consideraremos a segunda, no desenvolvimento pro-

gressivo e expansionismo de uma nova cidade, tal foi a acção deste notável antistite, grande reformador da «Bracara Augusta».

Este período que durou cerca de quatrocentos anos, mais ou menos o da etapa anterior, poder-se-á limitá-lo com o advento da República em 1910.

Durante este longo espaço de tempo, se processaram, graças aos Senhores de Braga que lhe sucederam na cadeira Arquebispal, obras de alargamento da cidade, se

Alberto Felo quando em seguio junto do Ministério de Obras Públicas, o interesse do então Ministro, para a sua reconstrução.

Mas, como dissemos, a par do desenvolvimento e expansão urbanística da cidade, se processou também um desenvolvimento cu-

por LUIS COSTA

criaram e construíram monumentos, se lançaram labores profícuos para a instrução.

Assim enquanto que a cidade se entendia até aos Peões, à Ponte, a Maximinos, a Monte de Arcos, ao Campo de Santa Ana, a Guadalupe, num extravassamento dos seus antigos muros, se criaram obras de arte que hoje fazem com que Braga seja considerada como uma das mais monumentais cidades do País. Foi neste período que se edificaram, entre outros, os monumentos como o Arco da Porta Nova, a Igreja de S. Victor que, segundo a sabulizada opinião do Eng. Santos Simões, possui os mais ricos painéis de azulejos de Portugal, a Igreja dos Terceiros, a Igreja do Colégio de S. Paulo, etc. E surgiu em toda a sua imponência o barroco, cujos exemplares mais significativos são os Paços do Concelho, a Casa do Raio, edifício e Igreja dos Congregados e a casa do Rolão.

Foi também dentro deste espaço de tempo que se construiu o miradouro de Guadalupe, com a sua capela, miradouro que hoje em

(Continua na 4.ª página)

COISAS de Antanho

(Continuado da 1.ª página)

parte, se encontra prejudicado com as construções que ultimamente, nas suas imediações, se implantaram.

Também é deste período o magnífico edificio do Paço de D. José, de Bragança, arcebispo de Braga que o mandou edificar, ao tempo do seu irmão o rei D. João V e que, hoje, depois de restaurado por ter sido destruído por um pavoroso incêndio em 15 de Abril de 1866, se encontra occupado pela Biblioteca da Universidade do Minho. O restauro deste imóvel, considerado como um dos de maiores valores artísticos da região, ficou a dever-se acção do então director da Biblioteca Pública de Braga, Dr. Alberto Felo quando em 1936, em seguimento do Ministério das Obras Públicas, o interesse do então Ministro, para a sua reconstrução.

Mas, como dissemos, a par do desenvolvimento e expansão urbanística da cidade, se processou também um desenvolvimento cul-

tural, com a criação de escolas, como a do Colégio de São Paulo, que o Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires entregou aos padres da Companhia de Jesus, e que, pode dizer-se, foi o predecessor da actual Faculdade de Filosofia e da Universidade do Minho. Tal era a importância cultural da cidade dos Arcebispos que aqui foi instalada uma das primeiras tipografias portuguesas dado o interesse da divulgação da descoberta de Gutenberg e da consequente necessidade do seu aproveitamento para o incremento da instrução. Por muitos anos se julgou que o mais antigo incunábulo latino publicado em Portugal era o «Breviarium Bracarense», impresso nesta cidade na Oficina do germânico Johânem Gheine, em 12 de Dezembro de 1494. Tal facto, não se comprova hoje, pois que appareceu um «Tratado de Confissão», impresso em Chaves, em 8 de Agosto de 1489. No entanto, isto não vem desmerecer a cidade de Braga, como um dos principais centros de cultura de então.

Mais tarde, e dando nós um salto na história, passamos de relance pelo reinado de D. José, pelas perseguições do Marquês de Pombal, entramos no reinado de D. Maria I, Senhora que retirou certas prerrogativas aos Senhores de Braga, e se passou para o poder civil. Assim, successivas autoridades civis, continuaram a obra dos antigos donatários de Braga,

Mas por hoje, já chega e para a próxima semana, continuarei com este tema.